



FALAS SILENCIADAS: RELATOS DE MULHERES EDUCADORAS SOBRE A CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER

Roselia Cristina de Oliveira*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

rosecrisliveira@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo trata da reinterpretação de um dos movimentos de Educação popular do Rio Grande do Norte, na Década de 1960, buscando compreender a participação das mulheres no cenário político social e as redes de relações estabelecidas a partir de suas práticas, de modo a analisar as configurações e os desvelamentos semânticos do projeto tal como foi percebido por essas protagonistas. Procuramos perceber de que forma essas mulheres visualizavam sua inserção social, sua prática educativa e os motivos que as levaram a integrar um projeto considerado educativo, popular e democrático. O trabalho foi desenvolvido a partir da metodologia da Análise Compreensiva do Discurso baseada nos estudos de Jean-Claude Kaufmann, entrelaçando a fala das entrevistadas com as teorias que oportunizam entender os fundamentos de suas práticas.

PALAVRAS-CHAVE: História; Educação; Memórias; Mulheres Educadoras; Silêncio

SILENT SPEECHES: REPORTS OF WOMEN EDUCATORS ABOUT THE DOWN-TO-EARTH CAMPAIGN ALSO LEARN TO READ

ABSTRACT: This article deals with the reinterpretation of a popular educational movements of Rio Grande do Norte, in the Decade of 1960, seeking to understand the participation of women in social and political landscape of relationships established networks from their practices, in order to analyze the settings and the semantic unveiling the project as perceived by these protagonists. We seek to understand how these women were viewing your social insertion, your educational practice and the reasons that led him to integrate a project considered educational, popular and democratic. The work was developed from the methodology of the Comprehensive Discourse Analysis based on studies of Jean-Claude Kaufmann, intertwining the interviewed speeches with the theories that suggest to understand the foundations of their practices.

KEYWORDS: History; Education; Memories; Women Educators; Silence

* Doutoranda do Programa de Educação /UFRN - Bolsista CAPES (2019-2022). Possui graduação em História (Licenciatura e Bacharelado - 2001) e Mestrado em Educação PPGED/UFRN - 2005. Integra o grupo de Pesquisa Fundamentos de Educação e Práticas Culturais; É diretora de Secretaria do Instituto Histórico e Geográfico - IHGRN.

I

Falas Silenciadas: Relatos de Mulheres Educadoras sobre a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler¹, se configura em um recorte de nossa dissertação de mestrado² que tratou da reinterpretação da campanha de alfabetização desenvolvida pela Prefeitura de Natal entre os anos de 1961-1964. A problematização desse trabalho partiu de nossas indagações acerca das práticas desenvolvidas na campanha, e por estas mulheres terem sido consideradas subversivas pelos organismos repressores.

A partir das falas de cinco mulheres³, que além de se vincularem em partidos de esquerda, movimento estudantil e na Ação Popular, também ocuparam cargos e funções específicas nesse projeto, como: Diretoria de Documentação e Cultura; Diretoria Pedagógica; alfabetizadoras nos acampamentos e professoras das escolinhas, não deixando de observar os encadeamentos com suas atuações como militantes de movimentos estudantis e político-partidários.

Salientamos que, no contexto específico desta pesquisa, essas mulheres consolidaram suas trajetórias como educadoras, inserindo-se em projetos educativos desenvolvidos no período e vivenciando esperanças, angústias e perplexidades em um momento singular da história brasileira. Através das falas e do entrelaçamento de suas trajetórias pessoais, foi possível reescrever uma parte da história da participação feminina na Campanha de Pé no Chão.

Esse projeto, de caráter democrático e emancipatório, foi destruído em abril de 1964, com a eclosão do Golpe Civil-Militar que instituiu o período ditatorial no Brasil, pondo fim aos projetos educativos e culturais exitosos. Caracterizada pela efervescência política e cultural de uma época, a cidade de Natal, promoveu a Campanha de Pé no Chão que envolveu parte da juventude, que ansiava pela participação em movimentos sociais e pela mudança da realidade local.

¹ Ao longo deste trabalho, sempre que mencionarmos no texto Campanha de pé no chão, estaremos nos referindo ao projeto de alfabetização da Prefeitura de Natal, cujo título em sua extensão é Campanha de pé no chão também se aprende a ler.

² A Dissertação de Mestrado foi defendida em 2005, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ A escolha das 5 mulheres estava relacionada ao encontro de seus nomes (8 mulheres foram encontradas na documentação: no Relatório Veras e nas fichas do DOPS-RN) e pela disponibilidade de apenas cinco participarem da pesquisa com as entrevistas.

O projeto educativo buscava erradicar o analfabetismo pela conscientização social e política, utilizando a educação e a cultura como ferramentas de transformação sociais. Seus idealizadores inspiravam-se nas lutas por direitos sociais e pela libertação nacional contra a opressão Capitalista, que fervilhavam pelo país e pela América Latina, enraizadas, sobretudo, nas ideias democráticas, nacionalistas e emancipatórias circulantes nos movimentos sociais.

Consideramos importante, e como uma provocação necessária, ressaltar as lutas pela alfabetização no início dos anos 1960 como movimentos entusiásticos⁴, tendo em vista que visualizamos na Campanha de Pé no Chão um projeto integrador, organizado por um grupo entusiasmado e motivado por uma proposta educativa capaz de construir soluções para a erradicação do analfabetismo local em que pesou, como mirante axiológico nuclear, a valorização da conscientização política e social.

Em nossa compreensão, para uma parte dessa juventude que protagonizava os movimentos sociais de então, ainda persistiam alguns dos resquícios da euforia desenvolvimentista dos anos 1950. Nessa direção, os anos 1960 apresentavam, em sua configuração, uma geração que ousava ultrapassar limites e que trazia consigo lembranças dos anos dourados. Essa geração buscava a liberdade pelo envolvimento e pela participação em projetos de ampla mobilização.

Nessa época, se delineavam, por parte da população brasileira, reivindicações em torno das Reformas de Base⁵ necessárias ao crescimento econômico do país. Na luta pela ampliação dos espaços democráticos, parte dessa juventude procurava a inserção em atividades cujo engajamento despertava a busca pelo conhecimento e pela militância política. E nesse cenário, as mulheres estavam presentes, se integrando a diversas correntes ideológicas que mobilizavam a década, dentre elas: a Ação Popular – AP; o Partido Comunista Brasileiro – PCB; o Partido Comunista do Brasil – PC do B; os Socialistas; os Nacionalistas e os Cristãos.

O lema conhecer para se libertar coloria com tons diferenciados a trajetória dessa juventude que militava e se mobilizava em busca de um ideal comum. No âmago

⁴ Fazemos alusão, ao utilizarmos a palavra “entusiástico”, ao conceito tal qual é utilizado por Jorge Nagle (1976), que menciona a expressão entusiasmo pela educação como uma necessidade de alfabetizar o povo para participação no sistema democrático de governo. NAGLE, 1976.

⁵ “As Reformas de Base constituíam-se de: Reforma Agrária, Reforma Urbana, Reforma Bancária, Reforma Tributária, Reforma Eleitoral, Reforma do estatuto do capital Estrangeiro, Reforma Universitário”. (REIS, 2000: p.24)

desse processo, estar vinculado em algum partido de esquerda ou a um projeto que pudesse proporcionar mobilização e envolvimento, significava, também, a imersão em um sonho comum da juventude: tentar mudar o mundo. Uma das grandes inspirações do período eram os Movimentos de Educação Popular que despontavam com grande intensidade na América Latina.

Nosso interesse pela temática tem sua origem em indagações que nos perseguiram ainda na graduação do Curso de História⁶. Nessa formação, predominava a ausência de discussões mais ampliadas sobre o contexto local e de informações sobre o período de referência desta pesquisa, qual seja: 1960-1964. A curiosidade despertada foi instigada pelo silêncio, para nós provocador, de alguns protagonistas dessa história, que demonstraram uma certa resistência em falar sobre os fatos que vivenciaram.

Verificamos que homens e mulheres, vinculados à intelectualidade local, integraram a equipe da prefeitura como responsáveis por setores culturais e pedagógicos, e ao serem questionados acerca de suas participações, silenciavam alguns episódios. Mesmo passados os anos, esse silêncio nos fala de outra forma. De fato, resistia ao tempo um silêncio que consideramos resquício de uma memória ressentida, quebrada por alguns protagonistas que relataram os acontecimentos dessa época.

A leitura da obra *1964 Aconteceu* em abril, de Mailde Pinto Galvão (1994), fez com que enveredássemos pelo caminho da pesquisa, nos ofertando algumas pistas para a reflexão sobre nossas hipóteses. Consideramos que, apesar de existirem trabalhos monográficos, dissertações, teses de doutorado e textos de referência que abordam a temática, havia uma certa especificidade que ainda não tinha sido abordada, e é particularmente essa nuance que privilegiamos neste trabalho.

Acordando com Pollak (1988, p. 5), compreendemos que: “distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída, reconhecer a que ponto o presente colore o passado”. Nesse sentido, a possibilidade de reescrever a história pela perspectiva da participação feminina, ofertando uma narrativa que apresenta as mulheres como protagonistas da história, nos parecia importante, no sentido de preencher o espaço deixado de lado por alguns historiadores.

Decidimos, então, por realizar uma reconstrução do período histórico configurado pela Campanha de Pé no Chão, fazendo ancoragem nos discursos das

⁶ Acerca de minha formação, destaco o período de 1996-2005 (Curso de Graduação em História nas modalidades Licenciatura e Bacharelado; Mestrado em Educação).

mulheres atuantes no projeto, os quais, convém ressaltar, foram consideradas, pelo Departamento de Ordem Política e Social – DOPS, como mulheres subversivas que ameaçavam a ordem social local.

Assim, procuramos contextualizar o período em que se insere a Campanha de Pé no Chão a partir das falas relacionadas à participação dessas mulheres no que se relaciona à sua prática no projeto, à educação, à cultura e à conscientização política. Esses fragmentos são veículos para a compreensão do contexto histórico e da percepção da participação das mulheres nos espaços coletivos em que esse grupo de protagonistas estava inserido.

Contudo, com relação à integração das mulheres, ressaltamos que decorrem da trajetória individual de cada uma delas, tendo suas histórias de vida impulsionado algumas e imobilizado outras. Seus caminhos se inter-relacionam e culmina em uma unidade comum, a educação. Assim, consideramos pertinente a análise de Joan Scott que considera a emergência da História das Mulheres como “um campo de estudo que envolve uma evolução do feminismo e deste para o gênero, ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise” Gonçalves (2006, p. 62).

Nesse sentido, cabe ao historiador ter o compromisso de buscar compreender como se constrói o discurso historiográfico de sua pesquisa, tendo o compromisso, como bem considera Arostegui (2006, p. 53), de aprender sobre os fatos, mas, sobretudo, como esses fatos se estabelecem. A interpretação dos relatos das cinco mulheres oferta elementos significativos para essa compreensão, ora comuns, ora divergentes, vindos da diversidade de suas inserções sociais, seus olhares, suas participações, suas falas e seus silêncios, que configuram e desvelam suas ações, possibilitando uma reinterpretação do período histórico pelo qual estavam envolvidas.

Ouvir e interpretar essas falas significa, para nós, compreendê-las na sua história e, através destas, possibilitar uma reconstrução individual e do grupo da Campanha. Com essa perspectiva, buscamos compreender a rede de relações que circunda as ações e as implicações de seus fazeres, representados pelas práticas políticas que vivenciavam no período. O engajamento e uma intensa preocupação com o social, bem como uma análise da censura política e moral sobre seus relacionamentos, hábitos e costumes possibilita a inclusão da história das mulheres na reinterpretação da Campanha.

Ressaltamos que privilegiar a participação de mulheres como objeto de análise em uma pesquisa científica proporciona a percepção da presença feminina cada vez maior em diferentes espaços e, especialmente, no que se refere ao período delimitado para esta pesquisa. A presença das mulheres como sujeitos históricos proporciona uma ampliação significativa das análises sobre o contexto histórico, agregando uma percepção da sociedade a partir da visão de mundo dessas mulheres e de como compreendiam as relações de poder que estavam postas.

Em se tratando da história das mulheres, sejam quais forem os objetos que procuramos selecionar durante a pesquisa, esta será sempre “a história das relações individuais ou coletivas reais e simbólicas com o outro sexo; trata-se de fazer a história dessas relações em todos os níveis, discursos, representações e práticas efetivas” Perrot (1998, p.177).

Lembramos que até o início da década de 1960, as atribuições masculinas e femininas eram bem definidas: a moral sexual diferenciada persistia, e o trabalho da mulher, cada vez mais comum, cercava-se de preconceito e era considerado como uma atividade inferior à função masculina. Assim, os homens continuavam dominando os espaços públicos e a mulher ficava relegada ao espaço privado dos lares.

A Campanha, protagonizada por uma juventude mobilizada pela efervescência social, política, educacional e existencial, transforma-se, além de um projeto de governo, em um elo entre várias correntes ideológicas, envolvendo um agir político intencional e interacional de e entre educadores, artistas, políticos e parte da comunidade local unidos por um ideal comum.

Para desenvolver a análise desse movimento, utilizamos fragmentos de discursos de mulheres, por acreditarmos que escrever essa história é sair do silêncio imposto pela ordem social e política. É transgredir e subverter um processo de construção social masculinizado, machista e excludente. É promover a visibilidade e o desvelar da ordem imposta pelos discursos oficiais e, nesse sentido, denunciar o silêncio e a obscuridade feminina como uma decorrência da dissimetria sexual das fontes, em sua maioria variável e desigual segundo as épocas, evidenciam o silêncio mais profundo do relato Perrot (2008, p. 56).

Essa mesma autora destaca, ainda, que o silêncio é, ao mesmo tempo, disciplina do mundo, das famílias e dos corpos, regra política, social e familiar. E sendo assim, as mulheres não estão sozinhas nesse processo de silenciamento. Ele envolve o

continente perdido das vidas tragadas pelo esquecimento, em que se aniquila a massa da humanidade e pesa mais fortemente sobre as mulheres, em razão da desigualdade dos sexos e da valência diferencial que estrutura o passado das sociedades Perrot (2005, p. 11).

Nesse horizonte, ao privilegiar a análise dos marginalizados e das minorias, ressaltamos as memórias subterrâneas que se opõem à memória oficial. Desse modo, a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos de uma memória coletiva organizada, que resume a imagem de uma sociedade majoritária, ou daquela a que o Estado desejava passar e impor Pollak (1989, p. 15).

E assim, o silenciamento e o esquecimento das vítimas da Ditadura Civil-Militar no Brasil são tão emblemáticos quanto suas falas. Dessa forma, buscamos compreender a rede de relações que mobilizava os participantes que configurava e desvelava os sentidos do projeto tal como foi percebido por essas protagonistas. Procuramos perceber de que forma essas mulheres visualizavam sua prática educativa e os motivos que as levaram a participar de um projeto considerado popular e democrático, bem como eram percebidas pela sociedade da época.

Refletir sobre a participação das mulheres como sujeitos históricos é possível pela inclusão dos mais diversos olhares, até porque o olhar do pesquisador é o que condiciona a seleção de um determinado enfoque e possibilita o entendimento sobre os acontecimentos que circundam essas escolhas. É por essa razão que acreditamos que as “reflexões sobre o passado demonstram que ele pode ser desvendado a partir de múltiplas questões, motivadas pelo presente” Matos (1998, p. 68).

No caminho desse pensamento, ao historiador cabe o desenvolvimento da atitude de busca, seja com relação aos sentidos percebidos pelos protagonistas, seja pela compreensão dos acontecimentos que se propõe a registrar. A atuação feminina se enquadra na configuração das relações interpessoais, e estas se apresentam em todos os níveis, posto que integram parte de um processo de construção coletiva, a saber: a inserção na luta contra o analfabetismo, a valorização da cultura e a conscientização política.

Seguindo a corrente de movimentos de Educação Popular⁷ que emergiram no país, segundo Góes (1980, p. 46), consideramos que os resultados:

“da participação popular nas decisões políticas, na ampliação das bases eleitorais e à aceitação de que os problemas brasileiros se resolveriam através do aceleramento do processo de desenvolvimento e da mudança social que deveria acompanhá-lo”.

Nessa época, os movimentos socioeducacionais objetivavam proporcionar a conscientização política e social dos setores populares da nação sob a perspectiva de uma educação que, segundo Freire (1977, p. 12), “não é outra senão a de humanizar o homem na ação consciente que este deve fazer para transformar o mundo”. Buscando essa humanização consciente e transformadora, a juventude potiguar, e especialmente as mulheres, se integraram na Campanha de Pé no Chão, buscando proporcionar aos indivíduos o alcance da cidadania por meio da conscientização política e social advinda de sua leitura do mundo, como também da sua própria inserção nesse processo de ampliação da cidadania e da transformação da realidade.

Entendemos que essa proposta estava relacionada à política e, nesse processo, não havia separação entre o ato de educar e o de tornar um indivíduo em cidadão autor de sua própria história, pois de acordo com Freire (2013, p. 121):

“nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua a nossa, visão de mundo. E nesse sentido a ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação. É preciso que educador e político sejam capazes de conhecer as condições estruturais em que o pensar e a linguagem do povo, dialeticamente, se constituem”.

Neste trabalho, compreendemos o significado do projeto de alfabetização como um elemento de práxis política, pois a educação era a bandeira do grupo. De acordo com Castoriadis (1992, p. 97), o grupo “objetivava uma transformação do real, guiada por uma representação do sentido dessa transformação, levando em consideração as condições reais e animando uma atividade”.

⁷ No início da década de 1960, elos de uma corrente transformadora passam a mobilizar o país e influenciam a juventude potiguar, dentre estes elos, destacamos: o Movimento de Cultura Popular do Recife, o Movimento de Educação de Base, o Centro Popular de Cultura, a Ação Popular, as Ligas Camponesas, os Sindicatos, o Movimento Estudantil Secundarista, o Movimento Estudantil Universitário, a Juventude Católica, os Marxistas, os Nacionalistas, os Socialistas e simpatizantes dos movimentos sociais e educacionais que lutavam por um mundo melhor. (OLIVEIRA, 2005, p. 87).

Assim, a população Natalense percebia a importância desse quefazer a partir da ampliação dos acampamentos e das escolas pela diminuição do analfabetismo e da mobilização cultural presente na cidade. A fachada principal do Galpão das Rocas, onde funcionou o primeiro acampamento, reafirmava esse propósito, com a projeção das seguintes frases: Combater o analfabetismo é libertar o Brasil; A educação é um direito de todos: aqui isto não é uma frase, é uma realidade. A Campanha de Pé no Chão desenvolvia o trabalho de Educação Popular motivada pela ação e pelo diálogo constante e pertinente com a população.

O trabalho de alfabetização envolvia o compromisso e a responsabilidade de diretores, professores, artistas, técnicos, jovens estudantes e militantes, que ouviram, nos círculos de pais e mestres, os questionamentos sobre os dilemas da educação e dos problemas brasileiros, compreendendo as necessidades concretas da população, fato que contribuiu para a priorização da educação como uma das alternativas para a mudança de contextos sociais alarmantemente desiguais.

Dessa forma, eram levadas em consideração o diagnóstico dos problemas da comunidade e sua análise, como por exemplo: o combate à evasão escolar, os estudos sobre provas e testes aplicados, a dinamização das bibliotecas e círculos de cultura, a participação e a animação dos círculos de pais e professores. A arte e a cultura popular não foram deixadas de lado, pois a Diretoria de Cultura, além da educação, valorizava as manifestações culturais.

Assim, além da possibilidade de uma reconstrução social, as atividades da Campanha seriam elementos potencializadores para a promoção da liberdade individual e coletiva. Afirmando esse raciocínio, Rago (2001, p. 164), admite que: “a cultura tem uma função emancipadora, por isso mesmo, impõe-se salvar os valores positivos e todas as criações culturais vivas da humanidade, ameaçadas pela irrupção de forças irracionais, descontroladas e mórbidas”.

Inspirados na proposta desenvolvida em Recife, a Diretoria de Documentação e Cultura⁸ desenvolveu a quarta etapa da Campanha, um complemento das escolinhas e dos acampamentos, que resultou do intercâmbio entre a Prefeitura do Natal e o Movimento de Cultura Popular – MCP, de Recife. Daí decorreram a criação das Praças

⁸ A equipe da Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura realizou uma viagem a Recife para participar de um curso com a Equipe de Paulo Freire para desenvolver projetos de cultura na Campanha de pé no chão também se aprende a ler (Fala de uma das educadoras entrevistadas durante a pesquisa).

de Cultura constituídas de parque infantil, quadras de esporte e bibliotecas, objetivando a divulgação da cultura local e a participação popular. Também ocorriam debates sobre política, economia e sessões de cinema.

Em 1962, na cidade de Natal, existiam dez Praças de Cultura, e a principal delas abrigava uma concha acústica, uma biblioteca, uma discoteca e uma galeria de arte. Para a equipe da prefeitura e a comunidade, a educação e a cultura estavam imbricadas em um processo de construção de conhecimento intenso em busca do tempo perdido, tanto pela falta de acesso à educação, quanto pelo desconhecimento de sua leitura de mundo.

Havia uma intenção de orientar os alfabetizandos a compreenderem a realidade e as causas da desigualdade social e, nesse sentido, as mulheres tiveram uma intensa participação, seja no planejamento, na articulação e na organização das atividades, seja pela prática das atividades de alfabetização e na militância política.

Sendo assim, seus relatos são significativos e elucidativos para a reinterpretção da história, e acordando com Freire (1977, p. 12), entendemos que “conhecer não é o ato através do qual um sujeito transformado em objeto, recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dá ou lhe impõe. O conhecimento pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção”.

E nessa direção, o trabalho se desenvolvia, não havendo separação entre teoria e prática. As ações de alfabetização avançavam pelo envolvimento da população local e pela sensibilidade de educadoras que implementaram a prática, com o Livro de Leitura de Pé no Chão⁹, fundamentando as atividades e objetivando despertar o espírito democrático e integrá-lo na vivência das instituições por meio da educação.

Em seu conteúdo, encontravam-se cantos populares, histórias pitorescas, folclore como manifestação artística, danças, músicas e outros elementos que interessavam às crianças e aos adultos. A Campanha de Pé no Chão revelava em seus saberes e fazeres uma brecha no processo de luta contra a alienação, o imperialismo e a “falta de cultura” presentes na cidade de Natal naquele contexto.

⁹ O Livro de Leitura de pé no chão era uma adaptação do livro de leitura para adultos do Movimento de Cultura Popular do Recife e utilizava a metodologia de Norma Porto Carreiro Coelho e Josina Maria Lopes de Godoy, que se baseavam no universo cultural do adulto analfabeto.

Nesta pesquisa, utilizamos a metodologia da Análise Compreensiva do Discurso de Jean-Claude Kaufmann (1996), que objetiva a explicação compreensiva do social e baseia-se na palavra oral como elemento central na construção do objeto de estudo. A palavra oral é percebida como um ato concreto do sujeito, elemento chave da realidade social. Partimos do pressuposto de que os homens são produtores ativos dessa realidade.

No âmbito dessa metodologia, a entrevista é considerada um instrumento leve, que possibilita a construção da teoria como algo permanente, constituindo-se em um vai e vem contínuo entre os fatos e as hipóteses, evitando “qualquer norma de procedimento rígida” Mills (1982, p. 240).

A abordagem compreensiva propõe que o pesquisador se envolva, ou seja, se torne um artesão intelectual¹⁰ ao dominar e personalizar seus instrumentos e suas teorias no âmbito da pesquisa. Dessa forma, tornar-se um artesão intelectual implica a dominação dos campos metodológicos e teóricos, permitindo que o objeto se construa pouco a pouco por meio de uma elaboração teórica que ocorre a partir de hipóteses forjadas no e sobre o campo da pesquisa.

Assim, essa metodologia fundamenta-se no Interacionismo Simbólico, na Antropologia e na abordagem sociológica a partir da interpretação e da compreensão do social como pontos de partida para a análise. De acordo com Silva (2002), o pesquisador deve ser capaz de interpretar a realidade a partir dos dados recolhidos, ou seja, construir um campo semântico/explicativo para os fenômenos sociais nos quais está debruçado.

A entrevista compreensiva nos proporciona a interpretação de discursos orais oriundos de um cotidiano inscrito na história, no contexto da Ditadura Civil-Militar e de suas repercussões provocadas pelos processos repressivos que levaram à extinção do movimento educacional de Natal. Nesta pesquisa, entendemos por compreensão o registro de um saber social que é incorporado pelos indivíduos; assim, tanto a compreensão, quanto a explicação não podem configurar-se como polos separados.

¹⁰ Esta expressão foi criada por Wright Mills, para quem “o artesanato é o centro de si mesmo e o estudante está pessoalmente envolvido em todo o produto intelectual de que se ocupe. Saber o que experimenta e isolá-lo; somente dessa forma pode esperar usá-lo como guia e prova de suas reflexões, e no processo se modelará como artesão intelectual” (MILLS, 1982, p. 212).

O objetivo do pesquisador é a busca pela explicação compreensiva do social a partir da interpretação das falas, o que coloca a entrevista como um instrumento fundamental para a construção da teoria utilizada no trabalho. A compreensão das ideias e as realidades que elas representam configuram a busca pela compreensão social Kaufmann (2002, p. 12).

Assim, entrelaçando a fala das mulheres com essa teoria, buscamos a compreensão do contexto histórico e educacional da década de 1960. Ao longo do trabalho, percebemos que as jovens de movimentos sociais vinculadas a diferentes propostas ideológicas, abraçaram a causa do analfabetismo, buscando na educação libertadora uma possibilidade efetiva de transformação social. Mas essas mulheres também enfrentaram o preconceito e o machismo presente no cotidiano de suas relações sociais e familiares.

A ideologia que integrava a essência feminina presente nos Anos Dourados, supervalorizando o casamento e a dedicação ao lar, contrapunha-se à liberdade e à participação das mulheres nos movimentos estudantis, nos partidos políticos e nos movimentos sociais. A maternidade, o lar, o privado seriam “marcas prioritárias da feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiam a masculinidade” Bassanezi (2000, p. 609).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além da reinterpretação da Campanha de Pé no Chão, a pesquisa também ofertou um olhar mais amplo acerca do contexto histórico local da década de 1960, bem como sobre o período da Ditadura Civil-Militar que se consolidou a partir de 31 de março de 1964. O processo repressivo institucionalizado pela Ditadura brasileira, a exemplo das prisões, do preconceito social, do silêncio, do medo e da opressão, também estiveram presentes nos seus relatos.

São momentos da História Potiguar que marcam as trajetórias dessas mulheres e que nos mobiliza a buscar seus sentidos e as possíveis lacunas a serem preenchidas acerca dos acontecimentos. A participação da juventude nos movimentos sociais, o trabalho com a alfabetização e a cultura, as prisões e as torturas vivenciadas por mulheres que integravam um movimento de educação popular, nos leva a pensar sobre o cenário político e social do país.

Em suas falas, permaneciam, por um lado, a satisfação de terem integrado um projeto mobilizador e envolvente e que, em um curto espaço de tempo, apresentava resultados expressivos, transformando a realidade local. Por outro lado, a revolta com as suas prisões, as acusações de subversão, a delação de colegas, o abandono familiar e a exclusão social, marcaram indelevelmente suas histórias.

O não dito como marcas deixadas pelas perdas irreparáveis que cada uma delas sofreu, o aparato repressivo, as torturas psicológicas e as prisões, movem seus relatos e suas memórias da Campanha de Pé no Chão. E as consequências da mudança de cenário, suas práticas educativas e emancipatórias foram consideradas subversivas e de grande ameaça à ordem política e social. Dessa forma, concordamos com Pollak (1988, p. 5), quando considera a existência das lembranças de uns e de outros, zonas de sombras, silêncios e não-ditos.

As fronteiras desses silêncios e não-ditos com esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Seus olhares e trajetórias nos ofertam um entendimento acerca das práticas educativas desenvolvidas no que concerne à alfabetização e às mudanças percebidas no contexto local a partir da aceitação do projeto pelo povo e dos avanços dos alfabetizados que começavam a desenvolver atividades profissionais nos centros criados pela Campanha.

Nossas pesquisas, enfim revelam a importância da participação feminina nos movimentos sociais e na militância, evidenciando, também, o quanto o preconceito social, a censura política e moral, o medo e a violência rondaram a década de 1960 e intervieram sobre os relacionamentos, os hábitos e os costumes, se fazendo presente no cotidiano local e deixando suas marcas em cada uma delas. Suas falas, como mulheres e educadoras, seus olhares e seus silêncios nos apontaram caminhos para que nos levaram a ampliar o debate acerca da participação das mulheres na história, a compreender a violência sexista exercida pela sociedade da época e pelos órgãos de repressão, entender as consequências de um momento histórico que marcou o passado recente da nossa história possibilitando sua visibilidade e as configurações dos movimentos de Educação Popular da década de 1960.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARÓSTEGUI, Júlio. **A pesquisa Histórica: Teoria e Método.** Trad. Andréa Dore. Bauru/SP: EDUSC, 2006.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade.** Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz eTerra, 1977.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GÓES, Moacyr de. **De pé no chão também se aprende a ler (1961-1964) – Uma escola democrática.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- GONÇALVES, Andrea Lisly. **História e Gênero.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- KAUFMANN, Jean-Claude. **L’entretien Compréhensif.** Paris: Nathan, 1996.
- MATOS, Maria Izilda S. **Estudo de Gênero: Percursos e Possibilidades na Historiografia Contemporânea.** Campinas: Cadernos Pagu, 1998.
- MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica.** 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República.** Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar. 1976.
- OLIVEIRA, Roselia Cristina de. **Falas Silenciadas: Relatos de mulheres/educadoras sobre a Campanha de pé no chão também se aprende a ler.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal/RN, 2005.
- PERROT, Michele. **Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998
- PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres.** Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História.** Trad. Viviane Ribeiro. – Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- RAGO, Margareth. **Entre a história e a liberdade: Luci Fabri e o anarquismo contemporâneo.** São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerda e sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- SILVA, Rosália de Fátima e. **A Entrevista Compreensiva.** Natal: DEPED, UFRN, 2002.

RECEBIDO EM: 28/06/2019

PARECER DADO EM: 24/0/2020